

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

## ENTRE RODAS E MANDALAS: UMA EXPERIÊNCIA NA FORMAÇÃO PEDAGÓGICA

Lisiane Costa Claro <sup>1</sup>  
Cleiva Aguiar de Lima <sup>2</sup>

### RESUMO

O texto aborda um relato de experiência no contexto do Programa Especial de Formação de Docentes para a Educação Profissional, curso de graduação no Campus Rio Grande do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). O relato refere-se a uma prática pedagógica realizada com os estudantes do curso; trata-se de uma atividade de construção de mandalas, reconhecendo-as como símbolos capazes de representar as relações junto ao Programa, bem como expectativas, desafios e compreensões. O registro da experiência possibilita a reflexão sobre a formação docente que o Programa assume e provoca o corpo docente que a constitui ao exercício constante de repensar a própria conduta pedagógica, por meio de um dos eixos transversais presentes no projeto pedagógico do curso com a Educação Ambiental.

**Palavras-chaves:** Mandalas; Formação Pedagógica; Educação Profissional; Educação Ambiental.

### 1. PRIMEIRAS PALAVRAS

Este trabalho apresenta o relato de uma experiência no âmbito do Programa Especial de Formação de Docentes para a Educação Profissional do Campus Rio Grande do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRS). A experiência refere-se a uma atividade com mandalas, desenvolvida para o encerramento do Módulo II da 4ª turma do referido Curso. A intenção de mostrar que é possível reinventar o espaço pedagógico na educação formal e contribuir efetivamente para uma educação libertadora é o que nos mobiliza ao relatar a atividade. Ao assumirmos uma abordagem qualitativa em nossa proposta, que privilegia a prática pedagógica enquanto constituição do conhecimento (Pimenta, Almeida, 2014), buscamos a narrativa como viabilidade de registro sobre os

<sup>1</sup> Doutora em Educação Ambiental. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, IFRS – Campus Rio Grande. E-mail: [lisiane.claro@riogrande.ifrs.edu.br](mailto:lisiane.claro@riogrande.ifrs.edu.br).

<sup>2</sup> Doutora em Educação Ambiental. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, IFRS – Campus Rio Grande. E-mail: [cleiva.lima@riogrande.ifrs.edu.br](mailto:cleiva.lima@riogrande.ifrs.edu.br).

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

saberes docentes em Roda.

Com efeito, a elaboração de mandalas pelos estudantes, cuja perenidade se deu mediante registro fotográfico, mobilizou saberes, emoções e reflexões sobre aspectos do fazer docente por meio do eixo transversal da Educação Ambiental, presente na proposta formativa do Curso. Partilhar isso na certeza de estabelecer um profícuo diálogo, primeiro entre as autoras do trabalho e posteriormente com possíveis interlocutores/leitores é também um de nossos objetivos. Além disso, a compreensão da necessidade de registrar práticas pedagógicas, para que possam ser publicizadas e reinventadas, também nos mobilizam para esta escrita.

Desse modo, o registro é pertinente ao considerarmos que o campo da Educação Profissional é um espaço de disputa entre diferentes lógicas: uma fruto da ideia de “mercado de trabalho” e a outra de “mundo do trabalho”. Por reivindicarmos o segundo conceito e por acreditarmos que é imprescindível a constituição de uma Educação Profissional mais humanizadora, apostamos na formação docente arraigada ao eixo transversal da Educação Ambiental, pois consideramos esta área numa esfera dialógica, sensível e questionadora, a qual instiga a transformação das relações dos sujeitos entre si e entre si e a Natureza. Aqui seria interessante apresentar brevemente do que trata o texto, referindo-se aos próximos itens.

## **2. O PROGRAMA ESPECIAL DE FORMAÇÃO DE DOCENTES PARA A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL COMO RODA**

Cabe inicialmente contextualizar o Programa Especial de Formação de Docentes para a Educação Profissional, cujo Curso está em sua 4ª edição. O curso de nível superior surgiu com a finalidade de oportunizar a formação pedagógica para docentes, bacharéis em diferentes áreas do conhecimento e que atuam na Educação Profissional. Em virtude da especificidade dos cursos, os docentes que atuam diretamente na parte profissionalizante, na maior parte das vezes não são licenciados. São engenheiros, administradores, arquitetos, enfermeiros, ou seja, apresentam uma formação específica. Entretanto, para atuar na Educação Básica, o que é o caso dos Cursos Integrados, aqueles que integram o ensino

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

médio a um curso profissionalizante, há exigência legal de formação pedagógica.

Assim, desde 2010, em Rio Grande, foi considerada a possibilidade de verticalização do ensino, preconizada pela Lei que criou os Institutos Federais: Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008 na qual em seu art. 7º, estabelece os objetivos dos Institutos Federais, entre os quais ministrar cursos em nível de educação superior através de licenciaturas, além de programas especiais de formação pedagógica, buscando a formação de professores para a educação básica, sobretudo nas áreas de Ciências e Matemática, e para a Educação Profissional (BRASIL, 2008).

Neste contexto, um grupo de docentes do Campus Rio Grande, a exemplo de outros *campi*, organizou um Curso para formar docentes para atuarem na Educação Profissional. O Curso ao longo de suas 4 edições sofreu alterações, porém manteve o foco na formação pedagógica, visto que os que o acessam já possuem nível superior e desta forma já possuem os conhecimentos específicos de sua área de formação.

Desse modo, o Curso conta atualmente com 3 módulos nos quais os componentes curriculares se articulam e se complementam. Também há desde o módulo I o estágio e o trabalho de conclusão do Curso, componentes que acompanham os 3 módulos. No Módulo I intitulado contextual, o estágio objetiva a imersão no espaço da Educação Profissional. Aspectos como o conhecimento dos documentos e da própria instituição considerando sua estrutura física e organizacional busca desenvolver o pertencimento dos estudantes a este espaço, novo para alguns. Também no módulo I, a escrita do memorial, como exigência para o TCC I, objetiva que cada estudante rememore sua trajetória e como modo de se iniciar na escrita na área da educação, faça uma narrativa de seu percurso escolar e acadêmico, buscando vincular com a teoria estudada no módulo.

Objetivamos com isso que o estudante, além de conhecer seu entorno, se conheça e se compreenda nesse campo na Educação Profissional, sendo partícipe ativo na construção de conhecimento sobre a docência na Educação Profissional. Por isso o Módulo I é intitulado Modulo Contextual, pois é nesse momento que o estudante tomará consciência do lugar em que se encontra e daquele em que irá atuar. Diante disso, poderíamos tecer um paralelo entre o conhecimento local tão caro para a Educação Ambiental, pois isso

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

possibilitará a tomada de decisões que levem em conta posteriormente o contexto regional e o global.

Quanto ao módulo II, Estruturante, é neste que são construídos os conhecimentos da docência na Educação Profissional, considerando as discussões sobre aspectos da didática, entre outros. Com relação ao Estágio II, este consiste na imersão na sala de aula da Educação Profissional, deste modo, o estudante, ao estar em sala de aula na condição de observador, já vai adentrando no espaço em que atuará posteriormente. Esta observação é feita com base em alguns princípios como a empatia, o diálogo e busca oportunizar o conhecimento do espaço da sala de aula em suas relações dinâmicas de ensinar e aprender. Com relação ao TCC é neste módulo que o Projeto de pesquisa envolvendo a docência na Educação Profissional é realizado.

Por fim, o módulo III, Integrador, além dos componentes curriculares, contempla o Estágio III em que o estudante assume uma disciplina por um período e realiza uma pesquisa, cujo relatório é apresentado em forma de artigo. Entendemos este módulo como o culminar de uma trajetória, curta, sem dúvida, mas que pela organização curricular é capaz de oportunizar aos discentes em conjunto com os docentes que atuam no Curso, a construção de saberes pedagógicos necessários para a iniciação na docência na Educação Profissional. Iniciação, pois entendemos que a formação deve ser permanente e é enquanto aprendentes que nos colocamos diante da turma. Nos formamos ao formar e escolhemos a Roda como uma opção política e epistemológica para efetivar esse processo formativo. Roda que é inspirada na perspectiva metodológica dos Círculos Freireanos.

Sobre a proposta dos Círculos Dialógicos de Paulo Freire, lembramos que é fruto dos movimentos sociais populares na luta pela alfabetização de adultos que, por meio dos Círculos de Cultura Popular na década de 60, buscavam reivindicar o direito básico à Educação por meio de uma ação crítica e humanizadora. Assim, referimo-nos a uma metodologia dialógica, contextualizada, que partindo da realidade, do ambiente, da “Leitura de Mundo” dos sujeitos que compunham os “círculos”, instigavam a leitura da palavra num horizonte político e transformador. Para Brandão (2008, p. 77, grifos do autor):

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

No círculo de cultura o diálogo deixa de ser uma simples metodologia ou uma técnica de ação grupal e passa a ser a própria diretriz de uma experiência didática centrada no suposto de que aprender é aprender “a dizer a sua palavra”. Desta maneira podem ser sintetizados os fundamentos dos círculos de cultura.

1. Cada pessoa é uma fonte original e única de uma forma própria de saber, e qualquer que seja a qualidade deste saber, ele possui um valor em si por representar a representação de uma experiência individual de vida e de partilha na vida social.
2. Assim também cada cultura representa um modo de vida e uma forma original e autêntica de ser, de viver, de sentir e de pensar de uma ou de várias comunidades sociais. Cada cultura só se explica de seu interior para fora e seus componentes “vividoss-e-pensados” devem ser o fundamento de qualquer programa de educação ou de transformação social.

Assim, destacando dois dos fundamentos identificados nos Círculos por Brandão (2008) e com as experiências que Freire nos legou, assumimos o horizonte do diálogo na perspectiva da Roda da Formação Pedagógica tomando como “comunidade” o grupo de educandos que têm em comum o escopo de atuação docente na Educação Profissional. Reconhecemos a relevância da palavra na palavra dita (expressão das experiências relatadas nas aulas, presente nas Rodas de TCC e Estágio e expressa nas demais Rodas de Orientação) e na palavra escrita (registrada nas atividades em sala, no memorial, no TCC e relatórios de Estágio), bem como consideramos a pertinência da escuta – uma escuta ativa, atenta que possibilita a (re) constituição de si frente as múltiplas experiências narradas e teorizadas –.

As Rodas da Formação Pedagógica são organizadas em diferentes instâncias e são complementares entre si: a) Rodas de Orientação (Coletivas – Rodas de TCC e Estágio com todos docentes e discentes, também há Rodas em pequenos grupos e junto dos orientadores); b) Rodas de Colegiado (ao menos duas Rodas a Cada Módulo e Semestre – com representação docente e todos docentes); c) Rodas do Núcleo Docente Estruturante (NDE) (ocorrem semanalmente, composta por 4 membros docentes do curso) e d) Rodas de Aula (ocorrem em três dias da semana e são organizadas por componentes curriculares que integram o módulo vigente e são ofertados em docência compartilhada).

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

As Rodas têm o compromisso de alcançar: a busca pela valorização da trajetória de cada estudante, instigando a compreensão da Educação Profissional de maneira contextualizada; o entendimento sobre a relevância da educação permanente; a constituição dos saberes pedagógicos relacionando teoria e prática, escola e mundo do trabalho; a assunção da pesquisa como princípio educativo; a problematização sobre os direitos humanos e o saber ambiental, rumo às novas maneiras de produção de bens materiais e suas relações sociais, propondo a transformação da Ciência, Tecnologia e Sociedade (PPC do Programa Especial de Formação Pedagógica de Docentes para a Educação Profissional, 2015).

A circularidade dos saberes não ocorre de forma redundante, mas de maneira dialética, praxiológica, posto que a ação de fazer parte da Roda da Formação Pedagógica ganha espaço para a reflexão e teorização acerca de sua conduta a qual, com o grande grupo, pode reconfigurar-se, transformar-se e, portanto, transformar a(s) Roda(s) do Programa Especial de Formação Pedagógica de Docentes para a Educação Profissional. Um dos tempos/espços para o pensar sobre Formação, foi a atividade das Mandalas de encerramento do Módulo II da 4ª edição do curso, a qual trataremos na sequência.

### **3. MANDALAS COMO MOVIMENTOS/SÍMBOLOS DA RODA FORMATIVA COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

O curso reconhece a Política Nacional de Educação Ambiental regulamentada pela Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, bem com o Decreto nº 4.281, de 25 de junho de 2002, destacando a necessidade de construir “valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências que são voltadas para a discussão sobre questões socioambientais, em todos os níveis e modalidades do processo educativo” (PPC, 2015, p. 34).

Nesse horizonte, a pauta socioambiental perpassa os diversos componentes curriculares que constituem o curso, com ênfases e temas mais pontuais dependendo do conteúdo abordado. Contudo, há alguns fundamentos que são inerentes às atividades de cunho integrador, representada pela atividade de encerramento do primeiro semestre de 2018 (referente ao Módulo II do curso). Destacamos alguns destes fundamentos, que

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

dialogam com a Educação Ambiental: 1) Relação da teoria e prática para a transformação num viés emancipatório; 2) Integração entre sujeitos (aprendentes) e ambiente (pedagógico); 3) Constituição de identidade docente por meio do pertencimento (ambiental e cultural) e 4) (re) tomada de uma Ética com Estética.

No contexto apresentado é que se insere a atividade com as Mandalas realizada no fechamento do Módulo II. Na perspectiva da Roda em que o estar em círculo representa muito mais do que uma configuração espacial de organização dos estudantes e professores no espaço de sala de aula, o trabalho foi desenvolvido. Este contou com uma parte inicial, escrita em que cada estudante foi convidado a registrar suas aprendizagens ao longo do Módulo II e do Curso e também indicar que perspectivas ele assumiria para a continuidade do Curso no Módulo III. Cada estudante respondeu as questões solicitadas e foi convidado a levar para a aula um objeto que simbolizasse sua identidade em relação ao curso.

A atividade marcou um importante momento do Curso, pois foi a atividade que, além do encerramento de um semestre e com ele uma etapa da formação, significou a inauguração do Laboratório de Didática. Trata-se de um espaço físico que, para além de uma sala incorporada ao Programa Especial de Formação Pedagógica, resultado de uma solicitação do corpo docente desde o edital PROEX/IFRS nº444/2014 (de fluxo contínuo 2015), representa a busca por formação permanente no campo da Educação, bem como a proposta dialógica de uma constituição docente compromissada e humanizadora.

**Figura 1:** Inauguração do Laboratório de Didática



Fonte: Arquivo de registros pedagógicos das autoras.

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

No dia combinado, após uma breve explicação sobre o significado das Mandalas, cada grupo foi convidado a elaborar sobre uma mesa circular, duas Mandalas. Mandala é uma expressão que vem do sânscrito e seu significado literal é círculo ou centro, seu simbolismo inclui figuras organizadas concêntricamente (OSTETTO, 2009). A respeito de seus significados, destacamos sua potencialidade pedagógica. Sobre a circularidade:

A forma circular encontra-se no micro e no macrocosmo. Facilmente visível na natureza, dos discos solares e da lua, nas plantas e estruturas geológicas naturais, é perceptível também no corpo humano como, por exemplo, no desenho das células ou no desenho dos olhos. Igualmente é recorrente na cultura, na arte, na produção humana (...) (OSTETTO, 2009, p. 182).

A proposta pedagógica demonstrou essa relação entre os sujeitos e o ambiente em que habitam e constituem. Provocada a pensar sobre a relação que os diversos saberes presentes na Natureza e na história da humanidade, a turma foi instigada a refletir sobre as múltiplas relações com base no círculo o qual, em diversas culturas, tem como um dos seus principais significados a representação do universo e da unidade da existência. O centro pode ser entendido como a origem de todas as coisas e das diferentes manifestações nele contidas. Ao relacionar a circularidade das Mandalas entre a dança e a Educação, Ostetto (2009, p. 191) apresenta que:

Quando nos reunimos em roda e estabelecemos um centro comum, seja na dança ou na prática educativa, é em torno dele que giramos e nos harmonizamos. Estabelecer uma conexão com o centro, em grupo, é buscar simbolicamente a luz, a fonte, a criação. O eixo que une todos e provoca o movimento.

Nesse horizonte, entendendo a Mandala como viabilidade didática para pensar as diversas relações estabelecidas ao término de uma fase do Curso e, antecedendo a organização de uma próxima etapa, passamos à elaboração.

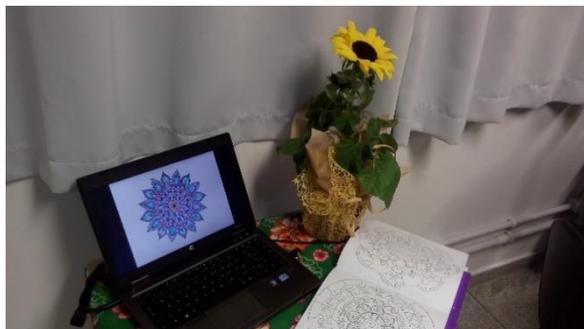
**Figura 2:** Reconhecendo a Mandala e seus significados

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545



Fonte: Arquivo de registros pedagógicos das autoras.

A primeira Mandala proposta corresponderia as aprendizagens até o momento e a segunda, com as perspectivas para o módulo III. Cabe destacar antes da discussão sobre o trabalho realizado, algumas questões. Primeiro, as Mandalas deveriam ser feitas com materiais diversos, reciclados, coloridos. Em segundo lugar, elas seriam efêmeras, ou seja, durariam apenas o tempo da apresentação, deveriam ser fotografadas e seu material poderia ser usado para construir a Mandala seguinte. Por fim, deveriam ser apresentadas para a turma.

Ao questionarem, sobre o momento da utilização dos objetos que lhes representavam, os estudantes foram orientados a refletirem sobre o momento e a maneira de utilizar o objeto. Deveriam compor, esses símbolos a primeira Mandala construída? Estariam, os estudantes, integrados aos caminhos e aprendizados do Módulo II do curso? Como foi essa composição, entre o “si” e a “Mandala do curso”? Reconheceriam estes estudantes sua constituição à Mandala, ou seja, à constituição do Módulo II e da própria Formação Pedagógica? Ou seria um desafio, constituir ainda mais “a Mandala da Formação Pedagógica” no próximo módulo? Quais seriam as expectativas do “si” frente ao módulo III? Como iriam compor esses objetos/símbolos às Mandalas em seus diferentes momentos?

**Figura 3:** Mandalas Grupos 1 e 2

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545



Fonte: Arquivo de registros pedagógicos das autoras.

Consideramos que este exercício representa pensar acerca do “saber ambiental” que o curso propõe enquanto problematização. Isto porque, de acordo com Leff (2006) o saber ambiental articula o conhecimento racional e o saber sensível, os entendimentos que nascem junto às percepções. Com o autor, entendemos que o saber ambiental é uma teoria do conhecimento embasada numa dimensão política, buscando sustentabilidade nas relações vitais, possibilidade ecológica e criatividade cultural para a existência por meio do pensar e fazer. Pode embasar a busca por uma racionalidade ambiental, instigando valores que buscam reconhecer os entendimentos dos sujeitos no mundo e sobre o mundo, buscando reconstruí-lo.

Por isso, acreditamos que as Mandalas simbolizando as experiências, os aprendizados e demais compreensões, possibilitam não apenas uma retomada acerca dos conceitos, saberes técnicos e de dimensão conteudinal dos elementos pedagógicos abordados ao longo do módulo II do curso; mas além disso, viabilizam as leituras sensíveis dos sujeitos que compõem o curso por meio de seus diversos saberes e das suas múltiplas visões, expressas esteticamente e mediadas pela palavra. Palavra essa que, ampliada em grupo pelos licenciandos ao dialogarem sobre a elaboração das Mandalas, em relação à proposta de registro escrito que antecedeu a atividade, possibilita a elaboração de uma Mandala/símbolo/síntese que expressa tais leituras e formas de compreender a

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

(auto)formação docente em Roda.

**Figura 4:** Mandalas Grupos 3 e 4



Fonte: Arquivo de registros pedagógicos das autoras.

Conforme o PPC da Formação Pedagógica (2015), cabe ressaltar que a prática do saber ambiental é viável por meio do entendimento da Educação Ambiental como um instrumento de transformação social, o qual abarca diversas dimensões. Para atingir a mudança ambiental, faz-se necessário uma mudança sociocultural viabilizada pela proposta teórica que preconiza uma prática da Educação pelo contexto político, coletivo e emancipatório. Portanto, além dos autores que embasam o desenvolvimento dos componentes curriculares, que apresentam um viés crítico e pós-crítico frente aos processos educativos e às relações socioambientais, consideramos que pensar sobre o próprio processo formativo instiga a busca por outras formas de produção das relações no trabalho, no fazer docente, na Educação Profissional, em uma perspectiva mais humanizadora e sustentável.

Muito embora a narrativa seja de uma atividade fundamentalmente vinculada à formação docente, cabe provocarmo-nos a pensar sobre o campo que embasa nossas práticas. A atividade realizada, possibilita, ainda, aproximarmos o que Pereira (2016), destaca sobre a relevância dos contextos e das linguagens enquanto resposta à crise nos fundamentos da Educação Ambiental. Para o autor, é necessária a busca pelo reconhecimento das multiplicidades inerentes à área da EA. Situando uma “racionalidade

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

pós-metafísica”, inspirada em Habermas e ao legado epistemológico interpretativo, e portanto, possível de articular ao saber ambiental, posto que reconhece as subjetividades e as diversas compreensões constituídas em conhecimentos diferentes e autênticos, o autor enfatiza que a pluralidade é colocada como um aspecto da EA. Utilizando-se do termo “Educações Ambientais”, questiona Pereira (2016, p. 99):

(...) em que medida estamos em condições de reconhecer no campo da educação esses movimentos? Temos condições de enfrentar pedagogicamente essas novas exigências? Vale lembrar que essas novas exigências não foram inventadas, mas já estavam, desde há muito, em nossos contextos apenas nós que não a percebíamos.

A pluralidade do sentidos em relação à constituição das Mandalas esteve presente nos diálogos e nas expressões de cada movimento que os círculos assumiram: os contextos de atuação dos estudantes na Educação Profissional em suas diferentes áreas (Gestão, Enfermagem, Engenharias, outras ainda das áreas das Ciências Sociais e Aplicadas); os contextos que formam diferentes experiências e “Leituras de Mundo” dos licenciandos em relação à Formação Pedagógica; e, ainda, a linguagem ampla, variada a partir de tantas vivências e formações iniciais distintas que, na formação docente buscam consensos rumo à uma prática pedagógica necessária à Educação Profissional que queremos. Aspectos demonstrados pelas diferenças dos materiais que constituíram cada Mandala.

Por isso, em meio as tantas faces que a Educação Ambiental pode assumir, afirmamos nossa postura na busca pela justiça socioambiental, por uma pedagogia libertadora, por uma formação docente afetiva e compromissada com a vocação ontológica dos seres humanos. Reconhecendo as tantas maneiras de fazer e pensar a EA, estamos alicerçados em horizontes que possibilitem espaço para a sensibilidade, sem, contudo, deixar de realizar a crítica frente às formas opressoras que violentam os sujeitos.

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

**Figura 5:** Roda da 4ª edição do Curso na atividade das Mandalas Pedagógicas.



Fonte: Arquivo de registros pedagógicos das autoras.

## 4. CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Primeiro importa considerar que o Curso se origina assumindo a Educação Ambiental em uma perspectiva crítica e transformadora que ao questionar o modelo societário vigente, busca alternativas de romper com as lógicas de dominação, exploração, competitividade e individualismo estabelecidas. A Mandala representa uma possibilidade de rever os aprendizados constituídos ao longo do módulo que se encerrava, que vai ao encontro de um aprender (se) com o outro, no coletivo, opondo-se às premissas de uma lógica opressora pelo caminho da individualidade e concorrência.

Ainda coerente a essa assunção, mas, alargando as possibilidades de compreender a Educação Ambiental, com a proposta das Mandalas, também reconhecemos a Educação Ambiental como um espaço plural, repleto de multiplicidades de formas e de sentidos nas relações ambientais se relacionarmos a uma racionalidade ambiental, a qual parte do saber ambiental como potência à constituição de outros valores mais sustentáveis à existência. A expressão por meio da linguagem, do contexto, da história e da estética, é capaz de ampliar os sentidos arraigados à Educação Ambiental e, portanto, viáveis à Formação Pedagógica.

Além disso, a busca por alternativas ao modelo hegemônico pode começar em âmbito local de modo a mostrar que outras formas de entender a sociedade e o mundo vigente são possíveis. No nosso caso, entendemos que o Curso, do modo como está

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

organizado e se efetiva mostra uma possibilidade de concretizar, já algumas mudanças.

Assim quando assumimos a lógica da horizontalidade das relações em que as hierarquias têm suas fronteiras borradas e nos colocamos na perspectiva de aprender ao ensinar, entendemos estar mostrando outra lógica possível. Lógica que vê o outro como alguém singular, com sua subjetividade e capaz de aprender e ensinar no seu tempo, no seu ritmo, fora de modelos padronizados e estandardizados. Exemplo disso é a avaliação processual, contínua a qual na ausência de uma prova, geralmente igual para todos, consegue acompanhar o crescimento de cada estudante no processo, durante o andamento no Curso.

E isso foi possível perceber com a elaboração das Mandalas. A síntese que os estudantes fizeram em um tempo restrito, a dimensão técnica, estética e a densidade de conteúdo presente em cada Mandala foi reveladora de uma formação efetiva em que a apropriação dos conteúdos trabalhados ficou evidente.

Além disso, ao trabalharem em grupo, cooperativamente, sem hierarquias, sem comparação entre eles, fica demonstrada vivência de valores muito caros a Educação Ambiental e a nós formadores. O fato de eles se surpreenderem com a impossibilidade de perpetuar as Mandalas ao guardá-las mostra ainda um apego aos padrões já conhecidos como elaboração de cartazes por exemplo. Porém nossa intenção é mostrar a vida e o processo de ensinar e aprender como dinâmicos, onde um elemento pode ser usado para construir outro e por meio da fotografia, pretendemos mostrar que o registro é fundamental. É a partir do registro, seja escrito, fotográfico ou de outra maneira que é possível repensar sobre a ação feita, refletir sobre o feito e reorientá-la, reinventá-la ou repeti-la se for o caso.

Ao desenvolver um Curso que busca romper com as lógicas estabelecidas queremos mostrar que é possível, após o questionamento da realidade, propor alternativas simples porém viáveis. Entretanto, cabe destacar que isso só é possível porque os estudantes acolhem bem a proposta e se dispõem a junto conosco redimensionar sua e a nossa formação.

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

Enfim, esperamos que esta experiência inspire outros/as colegas professores/as a tomarem pequenas atitudes como o primeiro passo rumo a necessária mudança pela qual a sociedade precisa passar, a começar pela educação. A dimensão de nossas ações, ainda que seja pequena, envolvendo um primeiro momento uma ação mais local, sem dúvida podem ser inspiradoras para ações mais regionais e quiçá globais.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Isabel de; PIMENTA, Selma Garrido. **A Didática como disciplina: rupturas possíveis em cursos de formação de professores.** In.: ALMEIDA, Maria Isabel de; PIMENTA, Selma Garrido. Estágios Supervisionados na Formação Docente: educação básica e educação de jovens e adultos. São Paulo. Editora Cortez, 2014.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Círculo de Cultura.** In: STRECK, Danilo Romeu et al. Dicionário Paulo Freire. 2ª edição revisada e ampliada. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2010. p. 69.

BRASIL, **Lei no 11.892**, de 29 de dezembro de 2008. Diário Oficial da União, Brasília, 30 de dezembro de 2008.

LEFF, Enrique. **Racionalidade Ambiental e Reapropriação da Natureza.** Tradução Luiz Carlos Cabral. Rímera, Argentina, Siglo XXI Editores, S. A., 2006.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Na dança e na educação: o círculo como princípio.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 35, n.1, p. 165-176, jan./abr. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v35n1/a12v35n1.pdf>. Acesso em: 13 jul 2018.

PEREIRA, Vilmar Alves. A crise nos fundamentos da Educação Ambiental: motivações para a emergência de um pensamento pós-metafísico. In.: PEREIRA, Vilmar Alves. **Hermenêutica e Educação Ambiental no contexto do pensamento pós-metafísico.** Juíz de Fora, MG, Garcia Edizioni. 2016, p. 78-109.

PPC – **Projeto Pedagógico de Curso do Programa Especial de Formação Pedagógica de Docentes para a Educação Profissional.** Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFRS. Campus Rio Grande. 2015.

Recebido em novembro de 2018.

Aceito em dezembro de 2018.